

Políticas energéticas na Rússia: da terapia do choque à renacionalização parcial (1991-2008)

Igor Fuser e Túlio Cezar de Oliveira Bunder

Resumo

O posicionamento russo nas questões energéticas é fundamental para a compreensão da geopolítica global. Moscou possui grande amplitude de ação neste campo. Entretanto, um longo processo de transformação e lutas – ao longo das décadas de 1990 e 2000 – foi necessário para o estabelecimento deste poderio. O objetivo deste trabalho é evidenciar brevemente a trajetória do desenvolvimento no setor energético e as principais mudanças que ocorreram na Rússia pós-soviética. Para tal, primeiramente, discute-se o período dirigido por Boris Yeltsin, marcado pela busca de inserção à economia mundial e da implantação de uma economia de mercado plena – através da chamada “terapia do choque”. Em segundo lugar, foram abordados os processos de renacionalização do setor energético pelo governo Putin e suas medidas para centralizar e intensificar o controle do setor pelo Estado. Como resultados, pode-se constatar que no período Yeltsin não foram realizadas políticas efetivas para a promoção dos interesses estatais ou da produção nacional de petróleo e gás. Putin, por sua vez, realizou uma série de medidas para o controle do setor, tais como: os embates contra os oligarcas do petróleo, as reformas fiscais, a implementação de um fundo soberano e a renacionalização parcial da indústria do petróleo e do gás.

Palavras-chave: Rússia; Setor Estratégico; Energia; Desenvolvimento.

Abstract

The Russian position in energy sector is fundamental to the understanding of global geopolitics. Moscow has a great range of action in this field. However, a long process of transformation and struggles - throughout the 1990s and 2000s - was necessary for the establishment of this power in a cohesive and summarily directed manner. Thus, the objective of this work is highlight the trajectory of development in the energy sector and its innumerable changes that occurred in post-Soviet Russia. To do so, primarily, the period led by Boris Yeltsin, marked by the country's quest to enter the world economy and to transform itself into a full market economy - through the so-called “Shock Therapy”. Secondly, the Putin administration's renationalization of the energy sector and its measures to centralize and intensify sector control by the state were addressed. As a result, could be recorded in the Yeltsin period no effective policies were put in place to promote state interests or national oil and gas production. Putin, in turn, has carried out a series of measures to control the sector, such as: strikes against oil oligarchs, fiscal reforms, the implementation of a sovereign fund and partial renationalization of the sector.

Keywords: Russia Federation; Strategic Sector; Energy; Development.

Introdução

O posicionamento russo nas questões energéticas é fundamental para a compreensão da geopolítica global. Com uma participação de 6% nas reservas mundiais provadas de petróleo e de 17,4% nas de gás natural (BP, 2016), a Rússia é um grande produtor e exportador de energia. O crescimento econômico russo é, em grande parte, impulsionado pelas exportações do seu setor energético, dada a sua alta produção de petróleo e gás natural. As receitas desses dois produtos representaram 43% das receitas do orçamento federal da Rússia em 2015. A Rússia era o maior produtor de petróleo cru do mundo, e o terceiro maior produtor de petróleo e outros líquidos derivados (logo atrás da Arábia Saudita e os Estados Unidos) em 2015, com uma produção líquida média de 11,0 milhões de barris por dia (b/d). O gigante eurasiático, ainda, foi o segundo maior produtor de gás natural em 2015 (atrás apenas dos Estados Unidos), produzindo 22,4 trilhões de pés cúbicos (tpc) (EIA, 2016). A grande amplitude de ação do governo russo neste campo permite inclusive o uso dos recursos energéticos como arma diplomática – para a promoção dos seus interesses externos –, exemplificada pelos cortes de fornecimento na Ucrânia e Geórgia (também denominadas Guerras do Gás) [1] no contexto das chamadas “revoluções coloridas”.

Entretanto, um longo processo de transformação e lutas – ao longo das décadas de 1990 e 2000 – foi necessário para o estabelecimento deste poderio de forma coesa e dirigida essencialmente pelo Estado russo. O objetivo deste trabalho é apresentar brevemente a trajetória do desenvolvimento no setor energético e as suas inúmeras mudanças na Rússia pós-soviética. Para tal, primeiramente, serão discutidos o período inicial após a dissolução soviética, dirigido por Boris Yeltsin, marcado pela busca do país em se inserir à economia mundial e se transformar em uma economia de mercado plena – através da chamada “terapia do choque”. Em seguida serão discutidos os processos de renacionalização (considerável, porém parcial) do setor energético pelo governo Putin e suas medidas para centralizar e intensificar o controle do setor pelo Estado – medidas que definem, em grande base, a política energética russa atual.

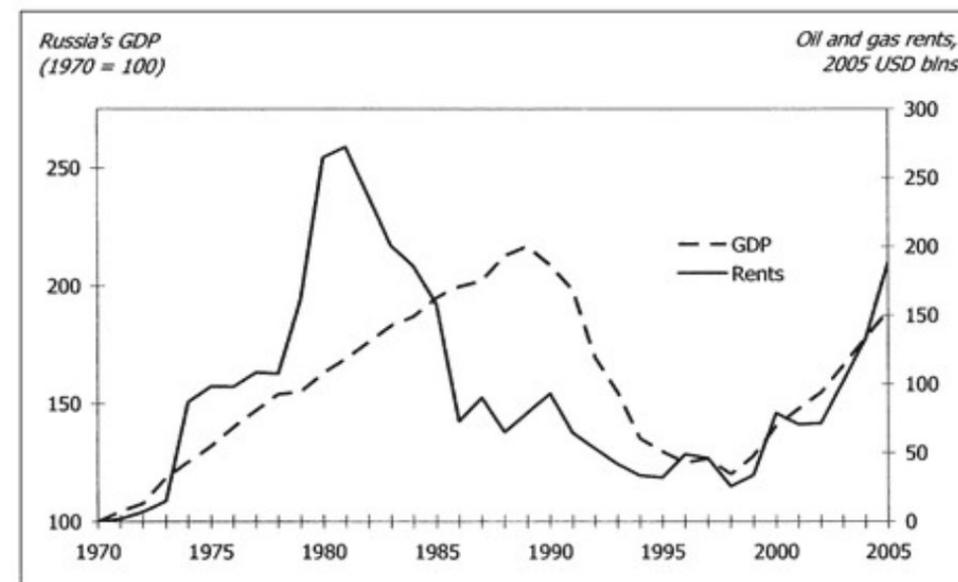
Período pós-soviético: da terapia do choque à plutocracia.

Após os inúmeros insucessos de Gorbachev na tentativa de reparar as graves crises sistêmicas e fortíssima retração econômica da URSS – evidenciadas principalmente ao longo da década de 1980 –, o grande bloco socialista dissolveu-se em 1991. Boris Yeltsin, o então governante russo, prometeu como resposta à crise um acelerado processo de transição para o capitalismo, através do livre mercado e da difusão dos valores democráticos. Para tal, foi realizado um conjunto de medidas conhecido como Terapia do Choque, que basicamente compreende uma

1. Sobre as “Guerras do Gás” e a discussão sobre a utilização dos recursos energéticos como arma de política externa ver: Klare, Michael. *Hard Power, Soft Power, and Energy Power: The New Foreign Policy Tool*. Foreign Affairs. New York, p. 1-4. 3 mar. 2015; e, NEGUȚ, Silviu; NEACȘU, Marius Cristian. *GAS WAR*. Revista Româna de Geografie Politica, Bucharest, v. 11, n. 2, p.176-189, mar. 2009.

Fig 1. PIB da Rússia e Rendas do Petróleo e Gás.

Fonte: COHEN & ERICSON (2009).



ampla e abrupta liberalização da economia, incluindo programas de privatizações, desregulamentação do mercado e a tentativa de atrair o capital e empresas estrangeiras.

Entretanto, as medidas não surtiram efeitos positivos para a economia e muito menos para a sociedade russa. De 1991 a 1998, o PIB russo se retraiu drasticamente. Em 1998, 31,4% da população russa estava abaixo da linha de pobreza. (CARMO, 2010). Como aponta o pesquisador José A. Althayde Hage, “[a] Rússia foi a única grande potência no século XX, cujo padrão de vida e a expectativa caíram a níveis de subdesenvolvimento” (2010, p. 2003).

Como evidencia Appel, a situação russa ao longo da década de 1990 era desesperadora, a economia era anêmica, o presidente russo era fraco e as instituições financeiras internacionais gozavam da poderosa e autoritária posição frente à Federação Russa. Os cofres federais russos ficaram tão esgotados e o Estado tão empobrecido que as pensões e os salários dos trabalhadores do Estado chegaram a ser interrompidos por alguns meses. Além disso, as altas taxas de inflação erodiram o valor real dos salários de toda a população. (APPEL, 2008) Goldman (2008) evidencia que a CIA, na década de 1980, estimou que o PIB da União Soviética era cerca de metade do PIB estadunidense. Em 1992 a agência de inteligência verificou que o PIB russo girava em torno de 10% do PIB dos EUA. Em 1996, por exemplo, a produção de petróleo, o setor crucial do país, foi de 47% em relação a 1987. Abaixo, através do gráfico se pode observar o processo supracitado:

Em relação ao setor petrolífero, na década de 1990 os movimentos para a privatização dos vários campos petrolíferos, refinarias e oleodutos estava em seu auge e, inevitavelmente, sofreram efeitos igualmente perturbadores. O cenário dos preços internacionais era igualmente desanimador, com os preços – em meados da década de 1990 – pairando em torno de meros US\$ 20 o barril (em preços ajustados de 2005). Não havia, portanto, muito incentivo para capacidade produtiva. Praticamente nenhuma companhia petrolífera russa aumentou a produção entre 1990 e 1999. Com grande parte da indústria petrolífera privatizada, a maioria absoluta dos novos proprietários estava mais interessada em retirar e enviar seus ativos para fora do país. A fuga de capitais do Estado russo foi estimada em US\$ 1 bilhão por mês (GOLDMAN, 2008). Goldman descreve a situação da indústria energética do país naquele período em termos tenebrosos:

Even worse, because of politics, greed, a flawed design, and corrupt implementation, a small number of investors ended up in control of most of the previously state-owned enterprises. One group of these newly rich, so-called oligarchs were former government officials. They simply took over ownership of the state properties that they had been managing as agents of the government. Another group of owners emerged from a seamier stratum of black market operators and money changers. Consequently, when markets and private ownership were legalized and no longer anti-social, these previously underground operators found themselves at a significant advantage. This group stood in marked contrast to the former government bureaucrats who were used to issuing decrees in the rigid world of state ownership, unconcerned by what the consumer might or might not actually want. [2] (GOLDMAN, 2008, P. 58)

Especificamente sobre o processo de privatização da Rússia, como destaca Pomeranz (2009), o procedimento implementado por Yeltsin foi realizado em duas fases principais, a privatização por vouchers e a privatização por dinheiro.

A primeira, ocorrida entre 1992 e 1994, consistiu na chamada privatização em massa das empresas médias e grandes (principalmente de bens de consumo), efetivada através de vouchers distribuídos para toda a população, com os quais ela poderia participar dos leilões de privatização das empresas incluídas nesta etapa. Tal medida, foi realizada para obter maior apoio da população no processo de liberalização econômica promovido pelo Estado russo. Todavia, os principais e mais lucrativos empreendimentos – dos setores considerados estratégicos para o desenvolvimento e segurança nacional – foram deixados para a privatização da fase seguinte: a privatização em dinheiro. (POMERANZ, 2009)

2. Pior ainda, por causa da política, ganância, um projeto falho de execução corrupta, um pequeno número de investidores acabou no controle da maioria das empresas anteriormente estatais. Este grupo desses novos ricos, os chamados oligarcas eram ex-funcionários

do governo. Eles simplesmente assumiram a posse das propriedades do estado que haviam administrado como agentes do governo. Outro grupo de proprietários surgiu de um estrato mais marcante de operadores de mercado negro e cambistas. Consequentemente, quando os mercados e a propriedade privada eram legalizados e não eram mais antissociais, estes operadores anteriormente subterrâneos encontravam-se em uma vantagem significativa. Este grupo contrastava com os antigos burocratas do governo que estavam acostumados a emitir decretos no rígido mundo da propriedade estatal, despreocupados com o que o consumidor pode ou não querer (tradução do autor).

A segunda fase das privatizações – das principais empresas –, foi dividida em duas etapas. Primeiramente, a etapa conhecida como “a da nomenclatura”, em que as grandes empresas foram transferidas para os seus diretores/burocratas – que aumentaram sua influência após a perestroika. Já na segunda etapa, realizou-se o processo denominado de loan for shares (empréstimos por ações), “que se revelou como a maior e mais controversa transferência de riqueza já vista na história” (GOLDMAN, 2008, p.63). Essa transferência consistiu em um acordo de empréstimos entre o governo e os novos banqueiros – que enriqueceram com atividades clandestinas no período da perestroika –, com garantia de ações das gigantescas empresas do setor de petróleo, metalurgia de ferrosos e não ferrosos. “Como era previsível, o Estado não conseguiu pagar e os leilões eram fraudados de forma que os próprios bancos se tornavam proprietários das empresas por preços absurdamente baixos” (SCHUTTE, 2009, p.16). Como resultado do processo de privatização, a predominância total da propriedade estatal foi substituída pela predominância da propriedade privada, na qual se inclui a participação do capital estrangeiro. (POMERANZ, 2009). Deste modo, Schutte (2009, p. 16) delimita dois grupos entre os novos donos do setor de energia. O primeiro, consiste os antigos altos funcionários (burocratas) da URSS que se apropriaram das propriedades que eles dirigiam no período soviético. Já o segundo grupo, abarca os mafiosos ligados ao mercado clandestino envolvidos em atividades ilícitas, como o câmbio ilegal, na conjuntura das reformas de Mikhail Gorbachev e do final da URSS.

Em relação a tributação durante os governos de Yeltsin, fica evidente a distribuição de poder na nova federação, bem como a política agitada da transição inicial. Os diversos esforços para negociar acordos fiscais especiais para as empresas ocorreram em vários níveis. O lobby não era dirigido simplesmente a um órgão oficial responsável pelas receitas do governo, uma vez que o código tributário poderia ser alterado ou reformulado de várias maneiras e por vários atores. (APPEL, 2008) “Durante a maior parte da década de 1990 estes novos oligarcas estruturam as suas operações de tal forma que reduziram substancialmente os impostos e as taxas que deveriam pagar ao Estado russo”. (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 216)

As empresas petrolíferas elaboraram mecanismos para evadir elevados níveis de impostos na década de 1990, baseando-se em complicados esquemas de transferência de preços. Como os cálculos de impostos eram baseados no comércio e não na produção, as companhias petrolíferas poderiam estabelecer filiais em zonas especiais com baixos impostos na Rússia. Assim, devido as dívidas fiscais neste setor serem especialmente atroz, exacerbando os déficits orçamentais federais a Comissão de Impostos de Emergência foi criada e dirigiu-se, especialmente, as empresas petrolíferas. Neste ponto, a administração

Yeltsin se tornava cada vez mais voltada para a coleta de impostos do setor energético. Contudo, o lobby do petróleo conseguiu repetidamente convencer seus simpatizantes nos ministérios relevantes ou na legislatura a bloquear a reforma tributária. Assim, durante a maior parte da década de 1990, as elites do setor de energia usaram suas conexões políticas para antecipar e até mesmo reverter a reforma tributária (APPEL, 2008).

O período de Yeltsin, repleto de lutas internas, não realizou políticas efetivas para promover os interesses do Estado ou a produção nacional de petróleo e gás. Durante oito anos, a produção de petróleo continuou a cair. Em 1998, a produção petrolífera correspondia a 60% do que tinha sido no seu auge. Por causa do declínio abrupto, Yeltsin, em um esforço para desencadear nova produção, permitiu empresas estrangeiras, como a BP (British Petroleum) adquirir uma participação em empreendimentos energéticos russos, especialmente porque procurou desenvolver algumas das localizações mais remotas, marcando também a internacionalização do setor. (GOLDMAN, 2008, p. 71)

Putin: do capitalismo oligárquico ao capitalismo de Estado

O desconhecido, até então, agente do serviço de inteligência russo Vladimir Putin assumiu como primeiro-ministro de Boris Yeltsin em 1999 (após a sucessiva queda de chefes de governo), com elevada popularidade devido ao sucesso na direção da campanha da Segunda Guerra da Chechênia. Putin foi eleito presidente da Rússia em 2000. Assumiu um país repleto de problemas, externos e internos – índices sociais baixíssimos, crise financeira, posição marginal no cenário internacional etc. Segundo Pleines (2009), desde o início de seu primeiro mandato presidencial, Putin deixou claro que seu principal objetivo era restabelecer a Rússia como uma potência mundial e que ele via a força econômica como o principal atributo de uma potência mundial moderna. Objetivos ambiciosos para o crescimento macroeconômico da Rússia foram fundamentais para a sua agenda política. Durante sua presidência, as estratégias empregadas para promover o crescimento econômico tornaram-se cada vez mais estatizantes.

Como já mencionado na seção anterior, o poder oligárquico no Estado russo era imenso, com clara capacidade de interferir na gestão do país para a promoção de seus interesses. Putin, buscando maior centralização do poder, promoveu a concepção de “campeãs nacionais” [3] e encarou embates ferrenhos com os oligarcas opositores ao seu regime. Como aponta Djankov (2015), o momento decisivo na reversão do capitalismo oligárquico para o capitalismo de Estado ocorreu quando Mikhail Khodorkovsky, bilionário do setor petrolífero e opositor de Putin, foi preso e acusado de fraude em outubro de 2003. O governo também nacionalizou as ações de sua companhia de petróleo, a Yukos, alegando evasão

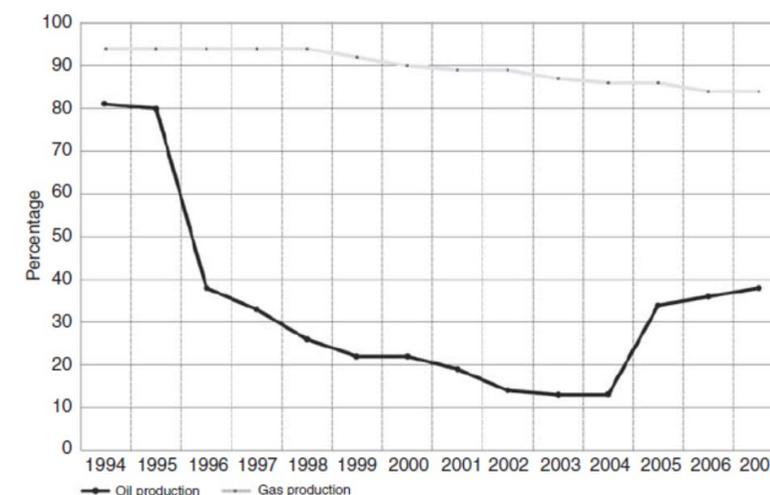
3. Campeã nacional é uma política governamental em que as grandes empresas/corporações são esperadas não só buscar a maximização dos seus lucros, mas também para avançar e defender os interesses da nação.

fiscal, incorporando essa empresa à estatal Rosneft. Este evento, sem dúvida, ampliou o receio dos investidores quanto à segurança da propriedade privada na Rússia. No entanto, impulsionou a centralização do poder nacional pelas mãos do Estado e a popularidade de Putin. Além disso, abriu caminho na próxima década para um rápido aumento da propriedade estatal nos setores de mídia, energia e bancário, com os “campeões nacionais” de propriedade do Estado subindo em outros setores, dominando eventualmente a alta tecnologia, o transporte e a maquinaria pesada.

Por outro lado, como já mencionado, é importante destacar que o maior envolvimento do Estado causou uma crescente insegurança para as empresas privadas de petróleo. Como Pleines alerta, quando o Estado faz grandes reivindicações contra uma empresa, rumores desencadeados pela mídia e investidores começam a circular sobre qual será a próxima empresa a enfrentar uma aquisição hostil por uma empresa estatal. O resultado é que os esforços para aumentar a propriedade do Estado na indústria do petróleo também aumentaram fortemente a insegurança corporativa quanto aos direitos de propriedade. (PLEINES, 2009)

No final do segundo mandato de Putin, a participação das empresas estatais na produção de petróleo subiu para quase 40% (Gráfico 2). A indústria russa de petróleo e gás, neste período, foi dominada por cinco grandes empresas, das quais a Gazprom (com a Gazprom Neft) e a Rosneft são de propriedade estatal, enquanto Lukoil, Surgutneftegaz e Tyumen Oil Company - British Petroleum (TNK-BP), privadas. Além disso, há uma série de pequenas empresas privadas e estatais ativas na indústria de petróleo e gás – produção e prestação de serviços. (PLEINES, 2009)

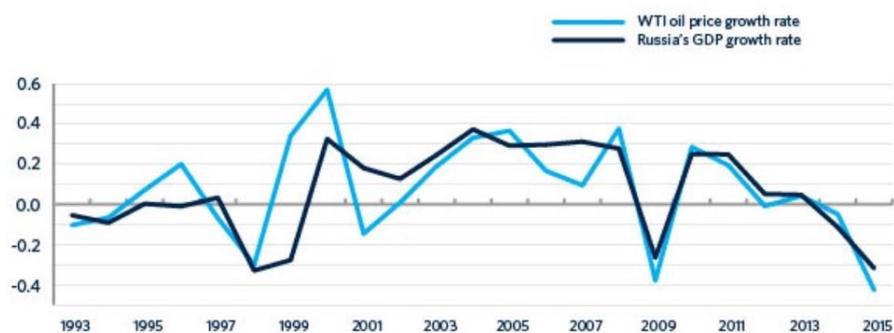
Fig 2. Participação das empresas estatais na produção dos hidrocarbonetos.
Fonte: PLEINES (2009).



Em relação às políticas fiscais, o governo Putin conseguiu convencer as empresas privadas e os governos locais de que devem cumprir suas obrigações tributárias. Também implementou uma série de reformas fiscais que permitiram ao Estado, e não aos oligarcas do petróleo russos, capturar muito mais os lucros extraordinários resultantes dos altos preços mundiais do petróleo. Assim, a Rússia foi capaz de pagar antecipadamente a dívida para com o FMI da década de 1990 e a dívida do Clube de Paris da era soviética. As receitas tributárias, naquele período, eram tão abundantes que Putin também criou o Fundo de Reservas/Soberano (para quando as cotações das commodities estivessem em baixa) (APPEL, 2008). Appel descreve o cenário resultante nos seguintes termos:

That said, the reform of the fiscal system accelerated significantly under Vladimir Putin, with the most significant tax reforms, from a budgetary standpoint, occurring on his watch. Several of the reforms that appeared in the second part of the Russian tax code and additional reforms in energy taxes in 2003 and 2004 were politically quite sensitive, as they would substantially affect the division of profits stemming from the oil and gas sector—in particular, the introduction of the mineral extraction tax. [4] (APPEL, 2008, p.306)

Considerando o extraordinário desenvolvimento do setor energético durante o governo Putin, não é de se estranhar que muitos especialistas deem créditos – basicamente exclusivos – aos altos preços do petróleo à recuperação econômica/fiscal e o vertiginoso crescimento do PIB russo. Ao observarmos os dados do ritmo de crescimento russo e as cotações dos preços do petróleo (Gráfico 3), tal comparação torna-se indutiva – entretanto, reducionista.



4. Dito isto, a reforma do sistema fiscal acelerou significativamente sob Vladimir Putin, com as reformas tributárias mais significativas, do ponto de vista orçamentário, ocorrendo em sua supervisão. Várias das reformas introduzidas na segunda parte do código fiscal russo e reformas adicionais nos impostos sobre a energia em 2003 e 2004 foram politicamente muito sensíveis, uma vez que afetariam substancialmente a divisão de lucros decorrente do setor do petróleo e do gás. A introdução do imposto de extração mineral (tradução do autor).

Fig 3. Mudanças percentuais do crescimento do PIB Russo e da cotação do petróleo WTI. Fonte: MECHVAN (2015)

Como bem destaca Appel (2008), não se pode atribuir todos os créditos da recuperação fiscal da Rússia aos altos preços do petróleo. Para esse autor, as reformas fiscais implementadas por Putin merecem um crédito significativo. Afinal, permitiram que o Estado russo capturasse os ganhos obtidos com os altos preços do petróleo, impedindo que os oligarcas do período Yeltsin se apropriassem dos lucros do aumento do preço da energia. Appel escreve:

In 2000, before the reforms took effect, 78 percent of the rents from improved oil and gas sales remained in the hands of the energy exporters, with the government gaining only 22 percent of the 30-billion-dollar windfall. As a result of the 2004 reforms, the state linked the rate of excise taxes to world oil prices, such that if the price of oil rose above \$20 per barrel (up to \$25 per barrel), export duties would rise from 35 percent to 45 percent of the difference between \$20 and the actual price of oil. [5] (APPEL, 2008, p.311)

Ademais, se Putin não tivesse centralizado o poder de Moscou e fortalecido a capacidade do Estado para reformar o regime tributário e coletar receitas abundantes, os oligarcas provavelmente teriam continuado a usar sua influência pessoal e pressão política nos anos 2000 para capturar a maior parte dos superlucros do petróleo para eles mesmos, como nos períodos de Yeltsin. (APPEL, 2008)

Devido à volatilidade dos preços dos recursos energéticos, assim como para fazer frente aos problemas referentes à supervalorização cambial conhecida como “doença holandesa”, o Fundo de Estabilização da Federação da Rússia foi criado no final de 2003. Seu objetivo era reduzir o impacto de uma possível diminuição dos preços do petróleo sobre as receitas do orçamento federal da Rússia. Outro fator, também importante, do Fundo é a absorção do excesso de liquidez na economia gerada pelo aumento das receitas de exportação de petróleo (TABATA, 2007). Em 2007, o Fundo passou por modificações e foi desmembrado em dois, como pontua Schutte:

- 1) Fundo de Reserva, cujo patrimônio deve ser mantido em 10% do PIB. Compreende investimentos em títulos públicos estrangeiros de baixo risco e pode ser utilizado em caso de baixa nos preços internacionais do petróleo e do gás.
- 2) Fundo Nacional de Bem-Estar: excedente dos recursos do Fundo de Reserva (quando este atinge sua quota de 10% do PIB). As aplicações são efetuadas em ativos de maior risco e maiores retornos. (SCHUTTE, 2009, p.38)

Ainda segundo Schutte (2009), os investimentos de ambos os fundos permanecem no exterior, para evitar o excesso de liquidez no mercado interno. Houve debates a

respeito da oportunidade de se investir parte do Fundo Nacional de Bem-Estar nos mercados financeiros domésticos.

Por fim, no que tange à diversificação da economia e à eliminação dos obstáculos tecnológicos e de infraestrutura, Pomeranz (2009) entende que foram adotadas duas linhas de atuação. Primeiramente, o investimento direto do Estado por intermédio das empresas estatais, em alguns casos em parceria público-privada (doméstica e/ou estrangeira). Em segundo lugar, criação de mecanismos de financiamento para o investimento, a fim de melhorar o clima de investimento no país. Na linha prioritária de atuação se situaram os setores considerados estratégicos, tais como energia, aviação, siderurgia, energia elétrica, transporte, programa espacial e defesa.

Especificamente em relação ao setor energético,

the government wants to encourage domestic downstream business. The top priority is the oil industry, where profit margins for high-quality refined products (mainly fuels) and petrochemical products (plastics, fibers, and synthetic rubbers) are much higher than for crude oil. For the gas industry, on the other hand, the main way to add value is to get closer to foreign end consumers, i.e. to invest in retail distribution businesses abroad. [6] (PLEINES, 2009, p. 79).

Também é importante, apesar de escapar ao escopo temporal deste trabalho, destacar que apesar do grande engajamento russo em busca da diversificação de sua economia, nenhum resultado de grande envergadura saiu do papel até o presente momento, quer seja pelas graves crises de 2009 e 2015, com a consequente inviabilização de investimentos, quer seja devido a arranjos geopolíticos contrários. Deste modo, por ora, a Rússia ainda segue altamente dependente dos hidrocarbonetos.

Considerações Finais

A partir da análise da conjuntura econômica russa – com especial ênfase ao setor energético – após o colapso soviético, e das medidas adotadas por Boris Yeltsin e Vladimir Putin neste processo de transição de uma economia planificada para a de mercado, pode-se constatar as inúmeras diferenças dos dois governos em relação à conjuntura e à percepção político-econômica do Estado russo e de seu setor energético.

O governo Yeltsin implementou um acelerado processo de transição para o capitalismo, através do livre-mercado e da “privatização selvagem” (na realidade,

aproximar-se dos consumidores finais estrangeiros, isto é, investir em negócios de distribuição de varejo no exterior (tradução do autor).

a pilhagem em uma escala colossal) do patrimônio estatal, isto é, público. Para tal, foram realizadas as medidas conhecidas no seu conjunto como terapia do choque. Porém, a euforia inicial pelo progresso capitalista transformou-se em uma tragédia, sem os resultados positivos esperados pela liberalização. A situação da Federação Russa por toda a década 1990 foi desesperadora: a economia era anêmica, o presidente russo era incapaz de governar efetivamente e as instituições financeiras internacionais gozavam de amplos poderes para fazer valer suas propostas, em benefício de interesses externos. O período de Yeltsin, ainda, foi marcado por diversas lutas internas e grande influência das oligarquias constituídas no processo de saqueio e de apropriação privada das empresas estatais legadas pelo período soviético. Em relação ao setor petrolífero, não foram realizadas políticas efetivas para a promoção dos interesses estatais ou da produção nacional de petróleo e gás. Durante seus oito anos de governo, a produção de petróleo caiu vertiginosamente. Em 1998, a produção petrolífera correspondia a 60% do que tinha sido no seu auge.

Já no governo de Vladimir Putin, as autoridades agiram a partir da ciência de que o poder oligárquico no interior do Estado russo era imenso, com clara capacidade de interferir na gestão do país para a promoção dos seus próprios interesses, geralmente às expensas dos interesses nacionais. Putin, buscando maior centralização do poder, promoveu a política das “campeãs nacionais” e encarou embates ferrenhos com os oligarcas opositores ao seu regime. Nessa linha, implementou uma série de reformas fiscais que permitiram ao Estado, e não aos oligarcas do petróleo russos, capturar muito mais os lucros extraordinários resultantes dos altos preços mundiais do petróleo. O empoderamento do Estado russo sob Putin e a reafirmação da sua autoridade explica por que uma porção muito maior dos lucros do petróleo foi para os cofres do governo, permitindo ao Estado cumprir suas responsabilidades e se libertar das pressões de credores externos. Outro marco, importante, foi um rápido aumento da propriedade estatal nos setores de mídia, energia e bancário, com os “campeões nacionais” de propriedade do Estado subindo em outros setores, dominando por fim os setores da alta tecnologia, do transporte e da maquinaria pesada. No final do segundo mandato de Putin, a participação das empresas estatais na produção de petróleo subiu para quase 40%.

6. O governo quer incentivar os negócios domésticos de downstream. A principal prioridade é a indústria de petróleo, onde as margens de lucro para produtos refinados de alta qualidade (principalmente combustíveis) e produtos petroquímicos (plásticos, fibras e borrachas sintéticas) são muito maiores do que para o petróleo bruto. Para a indústria do gás, por outro lado, a principal forma de agregar valor é

Referências bibliográficas:

APPEL, Hillary. Is it Putin or is it oil? Explaining Russia's Fiscal Recovery. *Post-Soviet Affairs*, 2008, vol. 24, n. 4, p. 301-323.

BP, BP Statistical Review of World Energy, 2016.

CARMO, C. A. Rússia e China: Contrastes na Inserção Econômica Internacional In: Cristina Soreanu Pecequilo. (Org.). *A Rússia: Desafios Presentes e Futuros*. 1ed. Curitiba: Juruá, 2010, v. 1, p. 87-110.

COHEN, Ariel; ERICSON, Richard. Russia's Economic Crisis and U.S.-Russia Relations: Troubled Times Ahead. Heritage Foundation, Washington Dc, p.1-5, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.heritage.org/node/13986/print-display>>. Acesso em: 13 set. 2017.

DJANKOV, Simeon. Russia's Economy under Putin: From Crony Capitalism to State Capitalism. Washington, DC. Peterson Institute for International Economics, 2010, vol. 18, n. 15.

EIA, Country Analysis Brief: Russia, 2016.

GOLDMAN, M. I.. Putin, power and the new Russia – petrostate. New York: Oxford University Press, 2008.

HAGE, J. A. A.. A Rússia e sua Reconstrução do Poder Nacional. In: Cristina Soreanu Pecequilo. (Org.). *A Rússia: Desafios Presentes e Futuros*. 1ed. Curitiba: Juruá, 2010, v. 1, p. 195-214.

PLEINES, Heiko. Developing Russia's oil and gas industry: what role for the state?. In: Jeronim Perovic, Robert W. Orttung e Andreas Wenger (Org.). *Russian Energy Power and Foreign Relations: Implications for conflict and cooperation*. London, Routledge, 2009, p. 71-86

POMERANZ, Lenina. Rússia: A Estratégia Recente de Desenvolvimento Econômico-Social. In: Cardoso, Acioly e Matijascic (Org.) *Trajatórias Recentes de Desenvolvimento: estudos de experiências internacionais selecionadas*. Brasília, IPEA, 2009.

SCHUTTE, G. R.. *ECONOMIA POLÍTICA DE PETRÓLEO E GÁS: A EXPERIÊNCIA RUSSA*. Brasília, IPEA, 2010, texto 1474.

SÉBILLE-LÓPEZ, Philippe. Geopolíticas do petróleo. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

TABATA, Shinichiro. The Russian Stabilization Fund and Its Successor: Implications

for Inflation. *Eurasian Geography and Economics*, 2007, 48, No. 6, p. 699–712.